

Ensino, Cultura e Tecnologias: uma interlocução sociointeracionista

Erlinda Martins Batista
erlindabatista@gmail.com

RESUMO

Esta interlocução aborda o pensamento interacionista de Vygotsky na fundamentação da disciplina Ensino, Cultura e Tecnologias. Enfoca as três dimensões do conhecimento; nas práticas pedagógicas dos contextos da disciplina citada. Considerando que o Ensino em cada comunidade tem sido diretamente influenciado pela Cultura e pelo uso de Tecnologias. As teorias Vygotskinianas sobre a interação e linguagem embasam a disciplina mencionada a ser ministrada em um programa *strictu sensu* de uma Universidade da rede privada de ensino. Além das ideias de Vygotsky serão também utilizadas como pressuposto teórico a visão de Lira (2016), no que se refere à perspectiva humanista e ética como base de atuação para as práticas pedagógicas do século XXI. Nessa abordagem o método sociointeracionista se mostra adequado, pois, as relações que se estabelecem no cotidiano de uma pós-graduação *strictu sensu*, inquestionavelmente são sociais, culturais, históricas e interativas.

Palavras-chave: Tecnologias; Ensino; Cultura.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se constitui uma interlocução com a teoria Vygotskiniana interacionista cujo objetivo principal é fundamentar os estudos que serão executados nos contextos dos seminários da disciplina: Ensino, Cultura e Tecnologias de um Programa de Pós-graduação *stricto sensu* de uma Universidade da rede privada de ensino.

As práticas pedagógicas em contextos de aprendizagem envolvem o uso de tecnologias e requerem professores preparados no sentido de desenvolver não apenas uma fundamentação teórica que embase suas discussões, mas, sobretudo o desenvolvimento de habilidades e competências cujas características passam pela interação social com estudantes e professores de modo tal que o uso das tecnologias tão presentes na cultura do século XXI, seja mais do que ferramentas didáticas. As tecnologias impregnadas na cultura da sociedade moderna exigem cada vez mais que professores desenvolvam novas metodologias em cuja filosofia está a integração das teorias que embasam as discussões cognitivistas, isto é, os fundamentos da construção

cognitiva do conhecimento, aliados ao fazer metodológico e pedagógico que não se dissocia de características oriundas da cultura em que se insere tal prática.

Pesquisas têm mostrado que existem ainda dificuldades que permeiam o uso das tecnologias no ensino na sociedade do conhecimento e da informação. Tais dificuldades têm sido objeto de estudos os quais têm demonstrado e apontado para a necessidade de uma formação docente que englobe conhecimentos e saberes específicos sobre o uso de tecnologias nas práticas pedagógicas, bem como o domínio do como utilizar esses recursos. O uso de ferramentas digitais deve extrapolar a mera utilização de computadores e ambientes virtuais.

Para Belloni (2001) os professores de contextos escolares da sociedade do conhecimento precisam dominar o uso de recursos tecnológicos e esse domínio deve se fundamentar em três dimensões: pedagógico, didático e tecnológico. Neste sentido, a disciplina: “Ensino, Cultura e Tecnologias”, organiza-se a partir de um eixo sociointeracionista e se ancora nos pressupostos humanistas e éticos para atender a demanda resultante dos problemas vivenciados por professores de educação básica e superior.

Considerando que a referida disciplina foi criada para atender a um curso de programa de Mestrado e que a construção do seu planejamento se ampara nos saberes discutidos nessa interlocução, justifica-se o presente estudo.

2 - DEFINIÇÕES DE ENSINO, CULTURA, E TECNOLOGIAS

2.1 Conceitos do termo: ensino.

O que é ensino? Ensino é definido como: “a ação e o efeito de ensinar¹ (instruir, doutrinar e amestrar com regras ou preceitos)”. É entendido também como “transferência de conhecimento. (...) transmissão dos princípios da vida em sociedade; educação.” (HOUAISS, 2004, p. 285). Já o termo: educação significa: “processo para o

1 Disponível em: <https://conceito.de/ensino>

desenvolvimento intelectual, físico e moral de um ser humano. (...) conjunto dos métodos empregados para esse processo” (HOUAISS, p. 265).

Portanto, uma disciplina que conjuga ensino, cultura e tecnologias prima pela interlocução sobre os processos que são demandados na construção do conhecimento, influenciados pela cultura ou pelos costumes e hábitos de uma sociedade, que está permeada pelo uso das tecnologias, sendo estas, vistas como artefatos em constante transformação a serviço do e pelo homem.

2.2 Conceitos da palavra: Cultura

A Cultura se localiza no campo do conhecimento das ciências humanas e sociais e se refere à antropologia, isto é; ao estudo do homem no ramo da antropologia social – cultural ou da etnologia. Esta se ocupa com o estudo da cultura em cujo bojo se analisa os costumes humanos. Para conceituar cultura é preciso levar em consideração o que é cultura em diferentes contextos: 1 no senso comum: cultura é saber, é educação. Ex. Fulano tem cultura. Essa frase significa: Fulano sabe das coisas, fulano é educado, ou tem educação.

Cultura na antropologia se constitui de um conjunto de regras que normatizam como o mundo pode e deve ser classificado. Cultura pode ainda ser a representação da realidade.

Para Edward Tylor: é todo complexo de conhecimentos, crenças, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelos indivíduos. (*apud* LEMOS FILHO, sd, slide 8).

Lemos Filho afirma: “Há dois aspectos da cultura que atuam como forças coercitivas em nossas vidas: a racionalização e o consumismo” (slide 42). Com relação à racionalização e ao tempo: “A valorização positiva da ciência, tecnologia, eficiência e praticidade levou ao que Max Weber chamou de racionalização.” (idem). E sobre essa valorização Lemos Filho argumenta: “Significa (1) o uso dos meios mais eficientes para se conseguir determinados objetivos e (2) as consequências não pretendidas ou não intentadas que decorrem desse uso” (ibidem).

Ainda com referência à racionalização e o tempo, Lemos Filho esclarece que a racionalização se tornou exagerada, porque: “Um meio racional (o relógio) foi aplicado a um dado fim(maximização do trabalho), mas levou a um fim irracional (uma vida muito agitada).” (op cit).

Para o autor citado e parafraseando Weber; a racionalização é um dos aspectos mais coercitivos e restritivos da cultura. E tal racionalização tem levado o ser humano a sentir-se preso numa jaula de ferro.

Voltando à conceituação do termo: cultura, Saviani (2007) afirma: “A cultura é encarada como uma coisa, existente em si e por si, que pode estar aqui ou ali, que pode estar num país sem ser dele e que pode ser dum país sem estar nele.” (p. 99). Para esse autor, no Brasil há quatro “brasis”, havendo, portanto, quatro culturas, ou um país “arquipélago cultural” (idem). A consequência dessas várias culturas existentes no Brasil é segundo esse autor a fragmentação cultural. Ou seja, ao existir as seguintes culturas: cultura gaúcha, nordestina, mestiça, caçara, etc., o país não tem uma cultura que o identifique, e logo, a despeito de toda a vantagem implicada pela multiculturalidade (o respeito às diferenças implícito), pode-se afirmar que um país sem uma cultura que o identifique aparenta ser um país sem identidade, considerando que a cultura identifica o homem e seu modo de produção da existência, ou de vida.

Saviani (2007) após apressada discussão afirma haver no Brasil duas culturas que caracterizam a cultura brasileira em: “cultura erudita” e “cultura popular”, entendendo por cultura erudita a camada da população que possui formação culta, “letrada, escolarizada, intelectualizada, integrada pela elite” (p.101), e abrange tecnólogos, artistas, cientistas, etc, sendo a popular caracterizada por um senso materialista animista em razão do realismo, de praticidade retirado do trato diário com instrumentos de trabalho, da necessidade de por meio de força de trabalho garantir a sobrevivência a cada passo; e do animismo, referente à crença às rezas, aos amuletos, santos, espíritos, imagens, etc.

Novamente a presença do homem é fundamental para definir a cultura. Segundo Saviani (2007) não existe cultura sem o homem do mesmo modo que não há homem sem cultura. O homem, em seu processo de autoprodução produz conseqüentemente a cultura. Em outras palavras, o homem “objetiviza-se em instrumentos e ideias,

mediatizados pela técnica” (p.99). A partir dos avanços que o homem têm produzido em relação aos instrumentos e às técnicas, ele atualmente encontra-se servido pelas tecnologias cujas facilidades e conforto que oferecem ao homem, parecem, num olhar rápido; existirem desde o início da história humana.

Verdadeiramente as tecnologias têm sido produzidas pelo homem desde épocas primitivas. Na origem do trabalho humano aparecem os arados como instrumentos para a aceleração e produtividade no plantio dos alimentos. De lá para cá, as tecnologias invadiram todos os seguimentos da atividade humana. Nas atividades e contextos educativos não tem sido diferente. As tecnologias têm promovido motivação entre os profissionais da educação, ao se fazer uma educação mais conectada, produtiva, a despeito de todos os prejuízos que alguns pesquisadores afirmam (SETZER, 1998) haver no uso das tecnologias nesse campo do conhecimento.

Portanto, faz-se necessário conceituar tecnologias e mais especificamente as ferramentas avançadas elaboradas em prol ensino.

2.3 Definição de Tecnologias.

Segundo o dicionário Houaiss (2004, p. 711), o termo tecnologia é definido como: “conjunto dos conhecimentos científicos, dos processos e métodos usados na criação e utilização de bens e serviços”. Portanto, as tecnologias que se utilizam em favor dos processos educacionais ou de ensino se constituem em ferramentas ou artefatos que favorecem o ato educativo, numa sociedade como a atual permeada por recursos e ferramentas cada vez mais elaborados também nos cotidianos de escolas, seja do ensino básico aos programas de pós-graduação *strictu sensu*, nos quais o uso de ambientes virtuais de aprendizagem, de tutoriais, de sistemas de alta tecnologia como google drive, filosofia de armazenamento de dados em nuvem, já são quase um senso comum.

3 APORTE TEÓRICO: VYGOTSKY E A INTERAÇÃO -

O aporte teórico discutido nesse trabalho foca especificamente, a teoria sócio-histórica e interacionista Vygotskyniana. Essa teoria fundamenta-se nos pressupostos da

dialética materialista, e sob a qual se discute a relação entre o sujeito, o objeto e o seu meio, o que requer, nesse caso, uma compreensão do homem real e concreto na base do pensamento dialético.

Para Vygotsky (2003) a dialética no processo educativo se caracteriza como um processo de lutas complexas e confrontos no nível da natureza psicológica do sujeito. Os embates de natureza psicológica do sujeito são úteis na experiência social e nas relações interativas, deste, com o meio social e histórico.

Logo, a construção do conhecimento que se aborda nesse trabalho fundamenta-se na interação que ocorre pela mediação das relações sociais existentes em um determinado meio que, no caso, é o meio educativo.

No próximo item discute-se a interação (como relações sociais) entre aluno e professor numa situação didática preparada, e pode ser chamada também de meio educativo, com o objetivo de suscitar o desenvolvimento e a aprendizagem do educando, segundo os resultados das pesquisas, leituras e interlocuções com os estudos de Vygotsky (2003) e sua equipe, a saber; os trabalhos de Leontiev e Luria aqui focados brevemente.

3.1 INTERACIONISMO- RELAÇÃO ENTRE ESTUDANTES E PROFESSORES

Vygotsky (2003) estudou a interação entre estudantes e professores e em suas discussões na obra psicologia pedagógica, estabeleceu que essa interação se constitui a partir das relações sociais criadas pelo professor num meio educativo, podendo ainda esse meio e esses sujeitos serem representados por escolas ou outro contexto social educativo no qual os indivíduos interagem entre si e fazem parte do meio. Tais estudos das interações continuam atuais embora tenham se passado quase cem anos desde a morte de Vygotsky, em particular porque os participantes de um meio escolar ou pedagógico carecem das interações para alcançarem a aprendizagem.

Diante desses pressupostos pode se afirmar que tanto a educação infantil quanto a do jovem e também do adulto contribuem para a formação da identidade histórica e social do sujeito. As experiências vivenciadas pelos estudantes em situações educativas são

fundamentais para sua formação. Ainda no que concerne às experiências do sujeito em relação à educação, o autor argumenta: “A própria experiência é o único educador capaz de formar novas reações no organismo” (idem).

Portanto, a experiência pessoal do educando é a “Principal Base do trabalho pedagógico” (VYGOTSKY, 2003, p. 75). Nessa afirmação o autor parece isolar o papel do professor, ao valorizar a participação do estudante no meio educativo. Observe-se que o seu destaque para a experiência do estudante é no sentido de que: “Do ponto de vista científico, não se pode educar a outrem [diretamente]. [...] Só é possível educar, a si mesmo, isto é, modificar as reações inatas através da própria experiência” (ibidem).

Segundo Vygotsky (2003, pp. 75-76), na base da ação educativa está o processo de reação integral realizado pelo estudante e, neste processo, devem existir “três componentes principais: percepção da excitação [estímulo], elaboração [processamento] da mesma e a ação de resposta” tais componentes podem garantir a aprendizagem, caso as condições necessárias ao meio educativo tenham sido atendidas.

A pedagogia anterior à época de Vygotsky (2003) valorizava a percepção (Behaviorismo) em detrimento da atenção à experiência pessoal do aluno. Porém, na visão Vygotskyniana, é relevante que o estudante aprenda não apenas a perceber, mas, sobretudo a elaborar, a processar os novos conhecimentos e a reagir, isto é, a estabelecer novas reações, novas interações e, conseqüentemente, novas formas de conduta, novos aprendizados, constituindo-se aí um novo processo educativo.

Em tal processo educativo, Vygotsky (2003) nega que o professor tenha a capacidade de exercer uma influência educativa direta sobre o estudante, ou ainda que seja capaz de “modelar a alma alheia”, e usou uma metáfora mística, na qual assevera que o professor tem uma importância “incomensuravelmente maior” (idem), porque o seu papel é o de organizar, preparar e modificar o meio. Conclui-se a partir dessa teoria que, ao considerar que a experiência do estudante é determinada pelo meio social, cabe ao professor a responsabilidade de regular o meio para influenciar a mudança no desenvolvimento do educando e a aprendizagem. Nesse sentido, professores e estudantes são os responsáveis pela aprendizagem e desenvolvimento.

Considerando-se que nas situações de aprendizagem de cursos superiores e quiçá em disciplinas de um programa *strictu sensu*, os estudantes e professores também são protagonistas e constituem o meio educativo e que as interações que ocorrem nesse meio são atividades a serem reguladas, organizadas e promovidas pelos professores, acredita-se que a teoria de Vygotsky (2003) torna-se atual e adequada para ser aplicada em meios educativos do ensino superior e de programas *strictu sensu* como é o caso da disciplina: Ensino, Cultura e Tecnologias, nesse estudo, enfocada.

Os estudantes participantes do cotidiano escolar, seja a escola da educação básica ou uma faculdade, ou ainda um programa de estudos mais abstratos como um programa *strictu sensu* (mestrado e doutorado), atuam interativamente de modo que se requer uma comunicação aqui chamada de interação. Essa comunicação é tratada no próximo subitem nas interlocuções com os estudos da linguagem realizados pela equipe Vygotskyniana.

3.2 VYGOTSKY E UMA LEITURA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A teoria Vygotskyniana discutida aqui sobre os estudos da linguagem, objetiva fundamentar as interações que ocorrem nos processos comunicacionais e, portanto, interativos quer seja na sala de aula presencial ou em ambientes virtuais de aprendizagem criados para essa finalidade. Vygotsky realizou os seus estudos sobre o pensamento e a linguagem numa época em que não havia comunicação virtual, nem tampouco ambientes virtuais de aprendizagem, porém, o seu pensamento e os seus postulados a respeito do desenvolvimento do sujeito, a partir dos processos cognitivos ancorados na ontogênese e nas relações sociais, são adequados para os estudos aqui discutidos e para a fundamentação das relações de interação que ocorrem em sala de aula.

As relações sociais comunicativas presenciais e virtuais convergem com a teoria interacionista de Vygotsky (2001, p. 63) porque o mesmo concebe o processo de desenvolvimento baseado na hipótese de que “a função primária da linguagem é

comunicar, relacionar socialmente, influenciar os circundantes tanto do lado dos adultos quanto do lado da criança”.

Em tal pensamento, a linguagem favorece a aprendizagem dos indivíduos, porque é a partir dela que os estudantes, numa situação didática, seja ela presencial em sala de aula ou virtual, realizam uma influência mútua entre si e entre os demais participantes dos processos comunicativos ou interativos que ocorrem nas aulas de uma disciplina no curso de mestrado.

Sobre o termo “cultural” da psicologia de Vygotsky, Luria (1988) defende que esse aspecto relaciona-se ao meio social em que se organizam as atividades e o tipo de instrumento que a criança utiliza para dominar as tarefas. Nesse caso, o autor considera a linguagem um importante “instrumento”² inventado pela humanidade, cujo papel relevante traduz-se na organização e no desenvolvimento dos processos de pensamento. Nos estudos realizados por Freitas (2009, p. 09), ela afirma que: “A construção individual é o resultado das interações entre indivíduos mediados pela cultura”.

O aspecto cultural das atividades de uma disciplina em um curso seja ele *strictu sensu* ou superior, isto é, uma licenciatura ou graduação promove mudanças, inclusive na linguagem desses sujeitos que estudam e se modificam. As singularidades do meio educativo configuram-se e demandam um novo modelo de participação no curso a medida que as teorias são estudadas e assimiladas. Por conseguinte, a questão cultural não pode ser ignorada, tendo em vista que os comportamentos, as atitudes, o grau de comprometimento que se requer maior (num programa *strictu sensu*), o modo de interação e a participação nas atividades, bem como as mudanças também no perfil do estudante, as quais influenciam a cultura do sujeito e a constituição de sua identidade.

Com relação ao termo “histórico”, Luria (1988) sustenta que este funde-se ao termo “cultural”. Em seus estudos com a equipe de Vygotsky, eles concluíram que as funções superiores complexas são organizadas e estruturadas na proporção direta da relação do sujeito com o seu meio histórico e cultural. Isso significa dizer que, os sujeitos de cada

2 Aspas da autora desta interlocução

sociedade e de cada cultura têm diferentes organizações dos seus processos cognitivos superiores.

Nesse sentido, a experiência histórico-social dos estudantes em sala de aula influencia as suas comunicações e transforma o seu conhecimento, resultando na sua própria aprendizagem e desenvolvimento, o que acarreta mudança de suas concepções e dos demais participantes desse meio educativo, como por exemplo, de professores e outros sujeitos presentes nesse meio.

Na sociedade atual, caracterizada pelos avanços da tecnologia de comunicação e informação, as experiências históricas e sociais contribuem não apenas para a academia em si, mas para o meio social em que vivem os indivíduos e para o que representam. As análises das relações humanas constituídas sob as influências do núcleo social, histórico e cultural, discutidas por Vygotsky (2003), fundamentam-se na dialética.

A ação dialógica do sujeito seja ele estudante, professor ou participante de pesquisa ou ainda um pesquisador, compõe a sua ação dialética sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se com a presente interlocução que os estudos Vygotskinianos são adequados para fundamentar os processos cognitivos de disciplinas como a citada, a saber: Ensino, Cultura e Tecnologias, a partir das discussões apresentadas no corpo deste texto. As funções cognitivas superiores no ser humano são influenciadas e alteradas a partir das relações sociais, históricas e culturais que estes estabelecem. Desde o seu primeiro núcleo social, o núcleo familiar, até a vida adulta em seu comportamento social e cultural no trabalho, na escola, faculdade, ou no ensino pós superior, o indivíduo se transforma e transforma o mundo ao seu redor a partir do conhecimento que constrói e leva outros a construir.

Nesse sentido faz-se relevante considerar a interdisciplinaridade como uma ponte entre os diversos campos do conhecimento e seu uso como uma necessidade na sociedade atual, na qual as tecnologias demandam conhecimento para favorecer o ensino e a cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, M. L. **O que é mídia educação?**

_____. **Educação a Distância.**

LEMOS FILHO, A. **Conceito Antropológico de Cultura.** Slides. Disponível em: https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=bw-TWtO5Flue5gLz9I3YDg&q=cadinho+cultural&oq=cadinho+cultural&gs_l=psy-ab.1.0.0.1805.5186.0.7221.17.16.0.0.0.378.1948.0j2j5j1.8.0....0...1.1.64.psy-ab..9.8.1945.0..0i22i30k1.0.FZSszRQLqFDo Acesso em 25 fev/2018.

FREITAS, M. T. de A. **Janela sobre a utopia: Computador e Internet a partir do olhar da abordagem Histórico-Cultural.** Artigo apresentado na 32ª reunião anual da ANPED em out/2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5857--Int.pdf>>. Acesso abr/2011.

LIRA, B. C. **Práticas pedagógicas para o século XXI – a sociointeração digital e o humanismo ético.** Editora: Vozes. Petrópolis, 2016.

LURIA, A. R. **Vygotskyi.** In: VYGOTSKYI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. Ícone, Editora, São Paulo, 1988.

LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. **Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental.** In: **Psicologia e Pedagogia – Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento.** Tradução de Rubens Eduardo Frias. Centauro Editora, São Paulo, 2003.

SAVIANI, D. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica.** 17ª edição revista. Autores Associados. Campinas, SP, 2007.

SETZER, V. **Uma revisão de argumentos a favor do uso de computadores na educação elementar.** Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/argsport.html> Acesso em 25 fev/2018.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica.** Edição comentada. Tradução de Cláudia Shilling. Editora Artmed. São Paulo, 2003.

_____. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Pedagogia – Licenciatura Plena para as séries iniciais do primeiro grau e para o magistério do segundo grau, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Especialista em Orientação Pedagógica em EaD pela UFMS e possui mestrado e doutorado em Educação também pela UFMS. Atualmente, aposentada na UFMS, compõe o quadro docente da UNIDERP/ANHANGUERA/KROTON.